

Enteogenia e Psicodelia: as Filosofias da Ancestralidade nas Revoluções Científicas

Entheogeny and Psychedelia: the Philosophies of Ancestrality in Scientific Revolutions

Jan Clefferson Costa de FREITAS

Bacharel, Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pós-Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Licenciado em Filosofia pela Faculdade Única. Pós-Graduado em Neurociências pela Faculdade Única.
E-mail: jancleffersonphil@gmail.com

Cacique-Pajé Maná Shanenawa ou Markone Brandão da Silva SHANENAWA

Graduado em Letras pela Universidade Federal do Acre. Trabalhou como Educador Indígena pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Liderança Comunitária e Coordenador do Grupo de Pajés da Aldeia Kene Mera no Acre. Presidente do Instituto Kapanawa Shanenawa em Brasília.
E-mail: shanenawam@gmail.com

Nathália Cristina Medeiros MAIA

Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Psicanalista em formação pelo Instituto Brasileiro de Psicanálise Clínica. Coordenadora do Grupo de Estudos em Filosofia Psicodélica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
E-mail: visionathalia@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo tem por finalidade apresentar um enfoque revolucionário das relações de correspondência entre o xamanismo e a filosofia para propor uma descolonização das estruturas do paradigma de atuação da ciência psicodélica. Através de uma metodologia analítico-descritiva que coaduna experiência fenomenológica no campo de pesquisa, diálogos interculturais, extensa revisão bibliográfica, leitura aproximada, pensamento crítico e escrita criativa sobre os temas em debate, este trabalho tem por meta evidenciar as problemáticas ontológicas, epistemológicas, éticas e políticas que perpassam o assim chamado renascimento psicodélico. Na perspectiva dos povos primordiais, a psicodelia no sentido original de “manifestação da alma” jamais morreu para renascer; muito pelo contrário, ela sempre esteve viva nas suas concepções metafísicas, cerimônias enteogênicas e práticas terapêuticas com milênios de existência que, independentemente do autoritarismo acadêmico e dos ordenamentos proibicionistas todo tempo provaram a sua eficácia com base na experiência. Assim sendo, depois de interceptar e pulverizar as anomalias colonialistas que estão presentes no cerne do método científico, tais como o eurocentrismo, o racismo, o sexismo, o elitismo e o reducionismo, nós pretendemos justificar a indispensabilidade de reconhecer o protagonismo das tradições de sabedoria nos

descobrimientos constituídos a partir dos estudos psicodélicos contemporâneos. A título de conclusão: no estado de polvorosa precedente dos surpreendentes avanços científicos, nós idealizamos demonstrar, com base nas reflexões decoloniais, em que medida as filosofias da ancestralidade podem ser consideradas como as fagulhas que desencadeiam a explosividade das revoluções psicodélicas.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia Psicodélica; Ontologias Plurais; Epistemologias Ancestrais; Éticas da Resistência; Políticas da Liberdade; Revoluções Científicas.

ABSTRACT:

The aim of this article is to present a revolutionary approach to the correspondence between shamanism and philosophy in order to propose a decolonization of the structures of the paradigm of psychedelic science. Through an analytical-descriptive methodology that combines phenomenological experience in the field of research, intercultural dialogues, extensive bibliographic review, close reading, critical thinking and creative writing on the topics under discussion, this work aims to highlight the ontological, epistemological, ethical and political problems that permeate the so-called psychedelic renaissance. From the perspective of primordial peoples, psychedelia in the original sense of the “manifestation of the soul” has never died to be reborn; quite the contrary, it has always been alive in its metaphysical conceptions, entheogenic ceremonies and therapeutic practices that have existed for millennia and which, regardless of academic authoritarianism and prohibitionist ordinances, have always proven their effectiveness based on experience. Therefore, after intercepting and pulverizing the colonialist anomalies that are present at the core of the scientific method, such as Eurocentrism, racism, sexism, elitism and reductionism, we intend to justify the indispensability of recognizing the protagonism of wisdom traditions in the discoveries constituted from contemporary psychedelic studies. By way of conclusion: in the state of agitation preceding the surprising scientific advances, we intend to demonstrate, based on decolonial reflections, to what extent the philosophies of ancestry can be considered as the sparks that unleash the explosivity of psychedelic revolutions.

KEYWORDS: Psychedelic Philosophy; Plural Ontologies; Ancestral Epistemologies; Ethics of Resistance; Politics of Freedom; Scientific Revolutions.

Considerações Iniciais: Sabedorias Enteogênicas e Filosofias Psicodélicas

AWEA YUI MÛ: RAYAI KATI YAMAY TI.
 AWETIA YÂMÂY: RAYAI KAI TI.
 HUUUUUU, HUUUU, HUUU, HUUUU!
 YUXÍ NAWA RETETÁ, ÂWÊ IMI SHUSKITÁ,
 ÂWÊ IMI SHUSKIAKEVAYNE.
 HUUUUUU, HUUUU, HUUU, HUUUU!
 SHANENAWA KAYNE, SHANENAWA KAYNE,
 SHANENAWA MANIATÁ NEVUREVE,
 SHANENAWA MANIATÁ NEVUREVEEEEE!
 HUUUUUU, HUUUU, HUUU, HUUUU!

¹ *Shanenawa Kayne*, música tradicional do povo Shanenawa, que incentiva a comunidade a se manter viva e evoluir. O canto deve ser feito no início de algum trabalho ou festa e de maneira aproximada pode assim ser traduzido: “Vamos reunir as energias:/Vamos nos fortalecer./Huuuuuu, huuuu, huuu, huuuu!/Estamos unidos, juntos na Força./Nós estamos juntos, prontos para ir além./Povo Shanenawa, povo Shanenawa,/O Espírito do povo Shanenawa está vivo,/O espírito do povo Shanenawa está vivo!/Huuuuuu, huuuu, huuu, huuuu!”. É importante ressaltar que traduzir os cantos sagrados não constitui uma tarefa fácil, principalmente por causa da polissemia etnolinguística que envolve as expressões idiomáticas do povo Shanenawa. Dessa maneira, aqueles e aquelas que pretendem mergulhar fundo no estudo das rezas sagradas

Na jornada multimilenar em direção do conhecimento sobre os mistérios existentes entre o micro e o macrocosmo, a humanidade percorreu uma miríade de caminhos filosóficos, científicos e místicos: veredas muitas vezes lineares, outras vezes circulares e ainda em espiral para contemplar a soberana luz da sabedoria (McKenna, 1993; Escohotado, 1998; Freitas, 2018; Prospéri, 2023). Nas trilhas sinuosas desta longa e portentosa trajetória, os saberes ancestrais, a filosofia e a psicodelia apresentam perspectivas tanto distintas quanto complementares que convergem no sentido de uma profunda investigação da consciência, da existência, da natureza e do universo.²

Todas as civilizações primordiais deste vasto planeta, nos seus cinco continentes conhecidos, tiveram os seus sábios, místicos e cientistas. As tradições de sabedoria, como, por exemplo, o xamanismo enteogênico em diferentes sociedades, ao longo dos séculos constituíram corpos de conhecimento transmitidos quer através da oralidade, seja a partir da textualidade, bem como por meio de atividades ritualísticas indispensáveis à compreensão da sua história, cultura e crenças (Harner, 1989; Eliade, 2002). A filosofia, considerada a Grande Mãe de todas as ciências, desde a sua aurora aos presentes tempos, por questionar os fundamentos do entendimento humano, contradizer suposições e abrir novos horizontes de compreensão do mundo, tem se apresentado como uma linha investigativa de suma importância para elucidar as possíveis origens, natureza e finalidades da experiência psicodélica (Ruck, 1992; Freitas, 2023c). Por sua vez, neste panorama de ancestralidade sagrada e experimentalismo científico, a psicodelia que sempre esteve presente nas práticas xamânicas e no pensamento clássico vem a ser um movimento-chave para o agigantamento da percepção dos xamãs, filósofos e investigadores empíricos acerca das inumeráveis manifestações da consciência individual e cósmica.

Nas duas primeiras décadas deste novo milênio até o presente, pesquisas científicas têm reavivado o interesse clínico-acadêmico pelos efeitos terapêuticos e transformadores dos enteógenos e psicodélicos, ao evidenciarem os seus potenciais de ampliação do bem-estar e eficácia no tratamento das mais diversas condições de saúde mental, tais como depressão refratária, estresse pós-traumático, ansiedade generalizada e também na superação das toxicodependências (Pollan; 2018; Leite, 2021). Em

devem ter sempre a atitude correta de procurar os ensinamentos na fonte ancestral, a saber, com os pajés e as majés da etnia Shanenawa.

² Quando falamos sobre psicodelia nos referimos aqui às “manifestações da alma”, ou seja, ao significado original do conceito [ψυχεδέλεια]. Nesse sentido, a “filopsicodelia” [φιλοψυχεδέλεια], quer dizer, a filosofia psicodélica, seria o ramo do conhecimento que se dedica não apenas a pensar sobre os aspectos farmacológicos e os efeitos fisiológicos das substâncias ampliadoras da percepção, mas também a refletir sobre o conjunto de estados extraordinários da consciência decorrentes da experiência mística, a saber, sonho, transe, êxtase, inefabilidade, unidade, sacralidade, transcendência, dentre outros (Freitas, 2023b). Psicodélico no presente contexto também significa um estilo de vida, maneiras de ser, movimentos artísticos e de transformação social. Mais ainda, nos referimos com a palavra em comento às diversas técnicas de indução extática desenvolvidas pelas tradições primordiais de sabedoria, como, por exemplo, o canto, a dança, a oração, o silêncio, o isolamento, o jejum, a meditação, a visualização e, naturalmente, às práticas enteogênicas do xamanismo.

paralelo, a decolonialidade emerge enquanto movimento filosófico e político que desafia as estruturas de poder colonial, além de buscar a reparação da dignidade, a restauração da autonomia e a legitimação da voz das comunidades historicamente marginalizadas, ou seja: para fins de promover o desmantelamento das hierarquias de conhecimento impostas pelo colonialismo e resgatar a pluralidade epistêmica em um ato coletivo de justiça social.

A ter o quadro teórico acima apresentado enquanto ponto de partida, com base em uma metodologia analítico-descritiva que interliga experiência fenomenológica no campo de pesquisa, diálogos interculturais, extensa revisão bibliográfica, leitura aproximada, pensamento crítico e escrita criativa sobre os temas elencados: este trabalho tem por meta evidenciar, à luz das reflexões decoloniais, as linhas de fuga e os pontos de força entre a filosofia, a ciência, a enteogenia e a psicodelia. As questões norteadoras deste trabalho são as seguintes: quais seriam as possíveis relações de correspondência entre o xamanismo tradicional e as ideias filosóficas? Como as anomalias colonialistas presentes no método científico que contextualizam os estudos psicodélicos podem ser interceptadas e pulverizadas? Em que medida o reconhecimento do protagonismo das tradições de sabedoria tem um caráter indispensável à legitimidade da ciência psicodélica? As práticas enteogênicas dos povos primordiais podem ser integradas ao que hoje se compreende como terapia psicodélica sem causar danos à história e cultura das comunidades tradicionais? De que maneira as reflexões decoloniais sobre as ontologias plurais, epistemologias ancestrais, éticas da resistência e políticas da liberdade poderiam impulsionar uma revolução científica? Para alcançar os objetivos descritos acima, o presente artigo parte de uma análise e descrição das problemáticas ontológicas, epistemológicas, éticas e políticas que perpassam o cenário da assim chamada renascença psicodélica.

Na primeira parte deste trabalho temos por meta analisar e descrever, desde um ângulo de visão decolonial, as perspectivas ontológicas e epistemológicas imprescindíveis à desenvoltura dos estudos psicodélicos (Huxley, 1990; Eliade, 2002; Hofmann, 2012; Splettstösser, 2014). Neste caso, buscamos empreender a demolição das ontologias e epistemologias coloniais, que em geral propõem uma abordagem supremacista do saber, do ser e do existir fundamentada no eurocentrismo, ou seja, na ideologia totalitária segundo a qual os europeus são cultural, intelectual e racialmente superiores aos demais povos do mundo (Mckenna, 1993; Mignolo, 2000; Kuhn, 2005; Castro, 2010). Não obstante, enfatizamos não apenas a importância da pluralidade ontológica que constitui os modos de vida das culturas contra-hegemônicas, mas também acentuamos a indispensabilidade da crítica à hegemonia do conhecimento ocidental, às suas narrativas históricas, científicas e culturais que desvalorizam as tradições de sabedoria ameríndias, africanas, asiáticas e oceânicas, para depois de implodido o edifício dos

paradigmas colonizadores propor a reintegração e valorização dos saberes tradicionais à atualidade das revoluções psicodélicas.

Na segunda parte deste artigo, temos como propósito examinar e reportar, desde um ponto de vista decolonial, a interface entre ética e política indispensável à evolução dos paradigmas psicodélicos (Arregi, 2011; Bey, 2012; Fotiou, 2020; Falcon, 2021). Nesta ocasião, procuramos ressaltar a importância das éticas da resistência e das políticas da liberdade, isto é, dos ideários que estão pautados no apreço pelas diferenças, na alteridade e reparação cultural das comunidades que foram covardemente colonizadas, bem como nos movimentos articulados para promover a contestação dos mecanismos de dominação que perpetuam as violências coloniais de raça, gênero e classe na retomada das investigações psicodélicas (Feyerabend, 2007; Buchanan, 2020; Romero, 2022; Barnett, 2023). Por conseguinte, visamos não somente destacar os componentes éticos de reverência pela biosfera, de respeito pelos espíritos da natureza e pelas tradições de sabedoria, mas também idealizamos sublinhar a imprescindibilidade de incluir as perspectivas das comunidades tradicionais na produção do saber científico, nas lutas antiproibicionistas pela reformulação das leis de drogas e na busca de constituir um mundo mais justo, solidário e compatível com a vida em face deste suposto renascimento psicodélico.

Em termos gerais, os resultados que pretendemos obter a partir da presente esquadrinhadura vem a ser a elucidação da relevância dos saberes tradicionais, reflexões decoloniais e filosofias da ancestralidade na pavimentação dos caminhos que conduzem às revoluções no horizonte da ciência psicodélica: com o propósito de honrar a memória cultural dos nossos antepassados, elevar o nível dos paradigmas epistemológicos da contemporaneidade, assim como promover o benefício da liberdade de pensamento e igualdade de direitos para as gerações futuras.

Ontologias Plurais e Epistemologias Ancestrais no Multiverso Enteogênico

A colonialidade, este resíduo deletério do colonialismo, uma herança insidiosa do etnocídio contra os povos primordiais, não apenas se propaga na realidade histórica e socioeconômica, mas se infiltra nas dimensões ontológicas e epistemológicas do entendimento humano. No contexto da colonização: “Os povos conquistados e dominados foram situados em uma posição natural de inferioridade e, em consequência, também seus traços fenotípicos, assim como seus descobrimentos mentais e culturais” (Quijano, 2020, p. 203). A verticalização dos saberes, a padronização das maneiras de ser, a pretensão de universalidade do eurocentrismo relega as ontologias e epistemologias ameríndias, africanas, asiáticas e oceânicas à margem dos estudos acadêmico-científicos: “Por meio da implementação desses mecanismos epistemicidas e de autodefesa, a colonialidade do poder levou à crença de que não

existem maneiras alternativas de compreender o mundo” (Falcon, 2021, p. 160). Nesta conjuntura fática, repetição atualizada dos antigos padrões de domínio, exploração e extermínio, as pesquisas psicodélicas, ameaçadas de contaminação pelas abordagens colonialistas, com urgência necessitam afirmar uma postura crítica que reforce a pluralidade ontológica e a ancestralidade epistêmica, ou seja, os modos de viver e saber das comunidades tradicionais onde desde sempre se encontram os psicodélicos da natureza.³

As ontologias plurais podem ser compreendidas como sistemas de pensamento que reconhecem diversos modos de existência em contraponto à ontologia monolítica produzida pelo colonialismo, segundo a qual o ser humano e a natureza estão separados por hierarquias. Nas sociedades xamânicas: “Todos os animais e componentes do cosmos são pessoas, virtualmente pessoas, porque qualquer um deles pode revelar-se como pessoa. Não se trata de uma simples possibilidade lógica, mas de uma potencialidade ontológica” (Castro, 2010, p. 36-37). Nesse sentido, uma crítica à colonialidade implica na desconstrução das estruturas ontológicas hegemônicas que desmerecem a compreensão da vida e maneiras de ser dos povos tradicionais, estes últimos alicerçados em uma abordagem multilateral do mundo diante da qual: “A proposta das ontologias plurais coloca as plantas de poder como seres específicos dentro do contexto mais amplo de tudo o que respira e se transforma, incluindo o próprio planeta Terra” (Böschemeier; Flores, 2018, p. 53). Reconhecer a multilateralidade da experiência monera-protista-fúngica-vegetal-animal em um sentido correlacional vem a ser fundamental para o avanço dos estudos psicodélicos, que preliminarmente partiram do alinhamento com as práticas enteogênicas do xamanismo e assim devem seguir juntos às premissas das epistemologias ancestrais. Os pensares decoloniais destacam que a imposição de uma única perspectiva ontológica, centrada na racionalidade científica do ocidente, não somente marginaliza as outras formas de saber, como também desfavorece o entendimento das interespecíficas e múltiplas realidades que a enteogenia/psicodelia tem o poder de descortinar.

As tradições xamânicas que historicamente precedem as terapias psicodélicas, no amplo espectro das suas práticas curativas, hábitos culturais e crenças metafísicas, não estão restritas a uma ontologia reducionista, mas operam dentro de um âmbito ontológico que inclui o pampsiquismo, a interconexão entre todas as coisas e a sacralidade da natureza: “Para o pensador racionalista, isso é inconcebível, contudo, as técnicas do xamanismo são direcionadas para esse fim e é dessa fonte que

³ Com “psicodélicos naturais” nos referimos ao conceito de “enteógeno” [ενθεογόνο]: uma chave natural de acesso à divindade interior. Os enteógenos são plantas, fungos e substâncias psicoativas derivadas da natureza que há milênios são utilizados no xamanismo com propósitos sagrados, curativos, criativos, filosóficos, sociais e assim por diante (Freitas, 2024). Neste trabalho fazemos o uso dos termos “psicodélico” e “enteógeno” como expressões intercambiáveis: no sentido de que ambos, para além das definições convencionais, impulsionam as mais diversas manifestações da consciência e propiciam uma experiência totalizante também chamada na literatura de *unio mystica*, isto é, a união com o divino.

provém o seu poder” (Mckenna, 1993, p. 7). Estas maneiras primordiais de pensar e produzir conhecimentos oferecem uma riqueza de perspectivas que são imprescindíveis à compreensão holística da experiência psicodélica no mundo contemporâneo. Na medida em que o êxtase xamânico passa ser contido entre as quatro paredes de um hospital que sequer tem um vaso com flores nas suas salas climatizadas, o efeito terapêutico de integração com a natureza vem a ser substituído pela frieza tecnológica e mecanicista dos ambientes clínicos: “Quando suprimimos o acesso ao êxtase xamânico, fechamos as refrescantes águas da emoção que fluem de uma relação profundamente vinculada, quase simbiótica, com a terra” (Mckenna, 1993, p. 20). A integração das ontologias plurais no cerne dos debates sobre a psicodelia impulsiona uma ecologia de saberes que desafia a supremacia da racionalidade ocidental, esta última caracterizada por protocolos artificiais, abordagens empedernidas e dependência de intervenções farmacológicas. Em uma esfera diametralmente oposta, o xamanismo amazônico do povo Shanenawa, que para atender às mais diversas necessidades de saúde orienta o uso enteogênico da ayahuasca em combinação com outras 105 diferentes plantas medicinais, propicia entendimentos de expressiva profundidade sobre a unidade entre o indivíduo e o universo: estes momentos de transcendência são muitas vezes inatingíveis através das metodologias do ocidente, mas podem seguramente enriquecer o conhecimento sobre a multiplicidade dos fenômenos psicodélicos.

Os estudos psicodélicos contemporâneos têm cada vez mais evidenciado a renovação de um profundo interesse pelos efeitos terapêuticos da ayahuasca e da DMT, dos cogumelos e da psilocibina, do peiote e da mescalina, da iboga e da ibogaína nos tratamentos de combate à depressão refratária, estresse pós-traumático, ansiedade generalizada e das mais variadas toxicodependências: “as dimensões evolutiva, quase religiosa, terapêutica e epistemológica das substâncias e experiências psicodélicas estão sendo corroboradas pelas pesquisas neurocientíficas e farmacológicas contemporâneas” (Falcon, 2021, p. 154). No entanto, para que o entusiasmo dos pesquisadores não perpetue as violências e violações coloniais, torna-se imperativo à respeitabilidade das suas pesquisas que estes últimos estejam engajados de forma real com as ontologias plurais dos povos tradicionais, daqueles e daquelas que há milênios apreciam as substâncias libertadoras da consciência com sabedoria. Nesse sentido, descolonizar a ciência psicodélica tem por ponto de partida “a reflexão crítica sobre estruturas teóricas e metodologias, mas também sobre questões sensíveis como biopirataria, extrativismo epistemológico, discriminação e a desapropriação de terras indígenas” (Romero, 2022, p. 126). Em outras palavras, este engajamento na luta pelos direitos naturais e políticos dos povos primordiais não tem a ver com uma inclusão superficial dos xamãs e curandeiros no glamour de uma conferência internacional, nem muito menos com propagandas patrocinadas para autopromoção de celebridades, mas diz respeito à valorização genuína das epistemologias ancestrais e práticas sacramentais como cocriadoras do saber científico, fundamentais

para formar a consistência dos trabalhos que pretendem validar as terapias psicodélicas no âmbito acadêmico.

Por mais que exista um potencial enriquecedor na integração das ontologias plurais e das epistemologias ancestrais nos estudos acadêmicos da psicodelia, uma ampla gama de desafios estruturais ainda precisa ser enfrentada e superada nestes espaços históricos de autoridade: “Os discursos hegemônicos moldam nossas compreensões de objetos culturais, incluindo a legitimação de certas drogas, práticas e indústria dentro dos parâmetros definidos do capitalismo contemporâneo” (Dolgin, 2022, p. 40). A academia ocidental, muitas vezes, atua dentro de paradigmas epistemológicos severamente rígidos, para não ter que falar agora de racismo e elitismo, que tendem a se contrapor à ideia de legitimação dos saberes ameríndios, africanos, asiáticos e oceânicos, para desqualificá-los e tentar submetê-los aos modos dominantes da produção de conhecimentos, de forma a restringir os benefícios da terapia psicodélica à conformidade com as dinâmicas neoliberais: “A colonização também se manifesta como um esforço sistemático e coordenado na pesquisa psiquiátrica para submeter os modos indígenas de saber e fazer à lógica instrumental da ciência ocidental” (Hauskeller; Artinian; Fiske et al, 2023, p. 734). Além da desvalorização e invalidação epistemológica, existe o risco de apropriação cultural, onde as artes, a mística e o pensamento dos povos tradicionais são arrancados das suas mãos, como se o vento os tivesse levado, de maneira a serem utilizados sem o devido reconhecimento e benefício para as comunidades de origem. Pelas razões previamente descritas, uma abordagem decolonial dos estudos psicodélicos deve incluir os mais elevados princípios e práticas éticas, reflexões e ações que garantam a respeitabilidade, a reciprocidade e a justiça social para com todas as tradições de sabedoria.

No sentido de ultrapassar os obstáculos supramencionados vem a ser indispensável aos estudiosos sérios o comprometimento com a reformulação das práticas de pesquisa e promoção da construção de alianças colaborativas com os detentores dos saberes tradicionais, de maneira a formular um paradigma consistente e eficaz que seja capaz de propiciar uma revolução epistemológica: “as revoluções científicas iniciam-se com um sentimento crescente, também seguidamente restrito a uma pequena divisão da comunidade científica, de que o paradigma existente deixou de funcionar adequadamente na exploração de algum aspecto da natureza” (Kuhn, 2005, p. 126). Esta ação revolucionária implica em incluir as vozes silenciadas e desmerecidas na coautoria de estudos, na partilha de benefícios e na criação de espaços onde as ideias dos xamãs e curandeiros ameríndios, africanos, asiáticos e oceânicos sejam não somente ouvidas, mas também devidamente apreciadas, para que sejam removidas as anomalias supremacistas, racistas, sexistas, elitistas e unilaterais do campo dos estudos psicodélicos: “Tanto no desenvolvimento político como no científico, o sentimento de funcionamento defeituoso, que pode levar à crise, é um pré-requisito para a revolução” (Kuhn, 2005, p. 126). Nessa

perspectiva, o direcionamento de uma crítica filosófica às práticas e ideias colonialistas vem a ser uma tarefa tanto urgente quanto necessária à demolição das estruturas ontológicas e epistemológicas monolíticas, isto é, dos sistemas de conhecimento que restringem uma mais ampla compreensão da existência e dos fenômenos da consciência. A inserção das ontologias plurais e das epistemologias ancestrais nos horizontes conceituais da psicodelia representa a abertura de um caminho que reconhece a importância da diversidade natural e cultural, das diferentes maneiras de ser e saber que existem no mundo. As reflexões decoloniais não apenas locupletam as investigações e descobertas psicodélicas, mas também vêm a contribuir com a edificação de uma ciência mais holística, humanizada, legítima e igualitária, de um saber científico que respeita as metodologias precedentes com milênios de eficácia comprovada.

As epistemologias ancestrais, enraizadas em tradições culturais e sagradas de longínquas datas, podem ser compreendidas como conjuntos de saberes que apresentam uma perspectiva totalizante, plural, liminar, relacional, experiencial e suprarracional do mundo: “Essas não são apenas histórias contrárias ou diferentes; são histórias esquecidas que trazem à tona, simultaneamente, uma nova dimensão epistemológica: uma epistemologia da e a partir da fronteira do sistema do mundo moderno/colonial” (Mignolo, 2000, p. 52). Estas formas de conhecer antagonizam fortemente com a racionalidade cartesiana, mecanicista, positivista, eurocêntrica e reducionista que, em especial desde o advento da modernidade, domina o pensamento ocidental com uma metodologia negacionista da importância e validade das sabedorias populares: “o método do conhecimento acadêmico-científico tende a valorar e hierarquizar as perspectivas, algo que por exemplo na prática tem resultado na negação do valor dos saberes tradicionais” (Calzada, 2020, p. 7). A crítica da colonialidade nos estudos psicodélicos envolve desafiar esta hegemonia epistêmica bem como abrir espaço para a valorização e integração do conhecimento primordial nas publicações de caráter científico, ou seja, reconhecer as comunidades tradicionais enquanto fontes pertinentes de sabedoria e cientificidade, fundamentais às revoluções idealizadas dentro dos campos da medicina, psiquiatria, psicologia e neurociências.

O eurocentrismo perpetua a ideia de que apenas o conhecimento produzido pelo ocidente tem um caráter universal e objetivo, ao passo que os demais são meramente particulares e subjetivos. Em contramovimento: “Um ponto de partida na descolonização da ciência psicodélica deveria ser parar de abordar os sistemas etnomédicos indígenas como subjetivos, simbólicos e construídos, e a biomedicina como objetiva e factual” (Fotiou, 2020, p. 18). À vista disso, os estudos decoloniais da psicodelia, que procuram analisar e descrever os processos extraordinários de consciência e experiências transcendentais, demonstraram que a ciência ocidental não possui o monopólio sobre a compreensão destes fenômenos. Desse modo: “as experiências místicas induzidas pelos psicodélicos retiraram o eu do mundo material do

consumismo e da validação externa para o reino interno da pura consciência, ao conferir, através do contato direto com o divino, autoridade a um novo senso de valor intrínseco” (Petrement, 2023, p. 4). Em contraponto às concepções cartesianas, reducionistas e estritamente materialistas dos eventos que transcendem as fronteiras da racionalidade ordinária, as práticas xamânicas do mundo inteiro têm proporcionado não apenas um profundo entendimento da fenomenologia enteogênica/psicodélica, mas também desenvolvido metodologias eficazes de cura física, mental, emocional e espiritual que somente agora os cientistas modernos estão aos poucos a reconhecer.

A fim de que os estudos psicodélicos possam estar verdadeiramente à frente do tempo presente, figura-se indispensável não se limitar a incorporar as epistemologias ancestrais como um adendo meramente ilustrativo da ciência moderna, mas integrá-las de maneira essencial e equitativa ao protagonismo da vanguarda científica em termos tanto teóricos quanto práticos. Nas cosmovisões dos povos primordiais, os fenômenos da consciência não se reduzem à mera interação bioquímica de substâncias com receptores e transmissores neurais, mas se ampliam às dimensões meta-sensíveis das realidades por assim dizer imateriais. Desde um ângulo de visão enteogênico: “a experiência religiosa é algo mais direto e iluminador, mais espontâneo, tão menos um produto manufaturado da mente superficial e autoconsciente” (Huxley, 1990, p. 70). Esta integração entre as ciências naturais e a visão de mundo mística implica em realizar uma reavaliação fundamental das metodologias de pesquisa, dos procedimentos terapêuticos e das teorias materialistas que sustentam os paradigmas contemporâneos da pesquisa psicodélica, os quais diante deste momento de reflorescimento se encontram alienados do seu passado em ressonância com as tradições de sabedoria: “É necessário reconhecer que a crença unilateral na visão científica do mundo está baseada em um erro grave. Todo o seu conteúdo é verdadeiro, mas representa apenas a metade da realidade, apenas sua parte material” (Hofmann, 2012, p. 76). De tal maneira, conforme acenam os autores clássicos, ao invés de retrocederem para um modelo colonial do fazer científico, os ícones da atual psicodelia podem avançar e agregar valor às suas descobertas em diversas frentes, como, por exemplo, no fortalecimento das suas redes de apoio, no combate às apropriações colonialistas, na elaboração de métodos clínicos mais eficazes, no desenvolvimento criativo de abordagens terapêuticas, na contextualização apropriada das experiências, na esquematização de uma integração holística e na formulação de reflexões jamais antes vistas sobre os estados extraordinários de percepção.

A incorporação de métodos colaborativos e participativos que envolvam de forma direta os povos tradicionais nas pesquisas psicodélicas feitas na academia, além de ser um gesto de alteridade intelectual dos estudiosos e uma demonstração de respeito pelas diferentes culturas do mundo, também pode assegurar que os conhecimentos produzidos venham a ser contextuais e relevantes para ambas as

comunidades: “é essencial refletir e encontrar maneiras concretas de como as plantas medicinais psicodélicas podem ser usadas para beneficiar e empoderar as populações das quais nos apropriamos” (Fotiou, 2020, p. 20). Na medida em que são adotados e adaptados os procedimentos tradicionais de cura do xamanismo, como, por exemplo, aqueles que envolvem o uso de plantas ou substâncias enteogênicas, com o devido consentimento e participação dos xamãs, pajés e curandeiros, estas práticas podem favorecer um senso de conexão holística e ecológica que quase sempre ou toda vida está ausente nas abordagens biomédicas: “Se os ritos de iniciação e os estados liminares de consciência fossem mais plenamente abraçados e compreendidos pela cultura ocidental, muitos problemas sociais e ecológicos contemporâneos poderiam ser melhor tratados e eventualmente transformados” (Yugler, 2020, p. 6). Compreender as cosmovisões ameríndias, africanas, asiáticas e oceânicas, bem como integrar as suas teorias da consciência que muitas vezes concebem a realidade de forma dinâmica e relacional em um diálogo com a ciência psicodélica, sem dúvidas pode abrir novos horizontes de entendimento que não se reduzem ao racionalismo, ao dualismo, ao mecanicismo e ao cientificismo ocidental, estes últimos sendo sempre insuficientes para contemplar a profundidade e complexidade dos fenômenos que envolvem a mente humana, a espiritualidade e a interconexão entre todos os seres vivos.

Assim como no caso das ontologias plurais, a integração das epistemologias ancestrais como parte indispensável à desenvoltura dos estudos psicodélicos não está isenta do enfrentamento das problemáticas institucionais que atravessam as estruturas da academia ocidental: “a ciência não apenas racionalizou, “desencantou” e instrumentalizou o mundo natural em nome da eficiência e da acumulação material, mas também submeteu as pessoas ao mesmo princípio” (Petrement, 2023, p. 3). As estruturas acadêmicas do ocidente estão muitas vezes embasadas em epistemologias construídas por autores eugenistas, supremacistas, antropocêntricos, mecanicistas e reducionistas que subestimam as ricas formas de conhecimento holístico, não condizentes com os seus precários e plastificados critérios de validação: “Essas tensões estabelecem as bases para a cooptação do discurso psicodélico por transumanistas de longo prazo, que imaginam papéis para os psicofármacos dentro de um projeto heroico e evolutivo que depende da ampliação da desigualdade para ter sucesso” (Devenot, 2023, p. 23). Há milhares de anos os xamãs de diversos povos do mundo, como por exemplo os Shanenawa, através das suas próprias terapias enteogênicas, têm combatido com eficiência o espírito da tristeza, do medo, da fraqueza, da compulsão, do nervosismo, da autossabotagem e assim por diante. Em outras palavras, depressão refratária, estresse pós-traumático, ansiedade generalizada e toxicodependência sempre tiveram tratamentos comprovadamente eficazes dentro do campo da medicina tradicional. Todavia, o discurso hegemônico advindo da colonialidade não reconhece a eficácia comprovada destes métodos terapêuticos, o que implica em um atraso para a ciência psicodélica.

Na intenção de superar os desafios supracitados vem a ser fundamental manter relações baseadas no respeito mútuo e na reciprocidade para com as comunidades tradicionais, de maneira a assegurar que elas sejam coautoras das publicações científicas e cobeneficiárias tanto das práticas compartilhadas quanto das lãureas do reconhecimento internacional. Uma ciência genuinamente psicodélica deve combater as “injustiças epistêmicas, materiais e geopolíticas que existem, e as metodologias indígenas críticas oferecem uma maneira significativa de compreender e desfazer as estruturas de poder hierárquicas atualmente em jogo” (Raphael, 2022, p. 69). Mais ainda, no sentido de aperfeiçoar as metodologias utilizadas nos estudos psicodélicos, além de inclusão, atenção e gratidão, vem a ser urgente a admissão da soberania epistemológica dos xamãs e curandeiros, ao permitir que estes últimos determinem as condições diante das quais os seus conhecimentos serão utilizados assim como disseminados. Os cientistas da atualidade não devem mascarar a ancestralidade que permeia as suas fontes de referência: “Os tratamentos e substâncias psicodélicas são apresentados como produtos de laboratórios e pesquisas ocidentais. Há pouco, se não nenhum, reconhecimento pela contínua e unilateral dependência dos povos indígenas” (Hauskeller; Artinian; Fiske et al, 2023, p. 738). A dependência dos conhecimentos e práticas provenientes das tradições de sabedoria, que estruturam o desenho dos protocolos terapêuticos e ensaios clínicos, encontra-se amplamente omitida nas publicações acadêmicas, cujos responsáveis ainda pensam que têm o mérito de serem autores. Destarte, para transcender o campo da retórica inclusiva, das palavras de agradecimento e menções honrosas, vale a pena entrar na luta por justiça social através da retribuição e do apoio às reivindicações dos povos primordiais pelos seus direitos territoriais, culturais e políticos, em convergência com os mais amplos movimentos de descolonização: uma escolha ética que só tende a impulsionar e favorecer o progresso das pesquisas psicodélicas.

A existência de uma filosofia crítica da colonialidade cumpre a função de garantir o reconhecimento da imediata necessidade de integrar as ontologias plurais e epistemologias ancestrais ao debate acadêmico dos estudos psicodélicos com respeito, inteligência e equidade na contemporaneidade, para validar a medicina tradicional através de um novo método científico e restituir os povos primordiais pelos malefícios irreparáveis produzidos pelos colonizadores: “etnobotânicos com uma agenda ativista podem usar seus estudos como 'plataformas' para provar a veracidade do 'conhecimento indígena' dentro de seus próprios quadros científicos e culturais, e argumentar pela remuneração das fontes de conhecimento” (Sheldrake, 2020, p. 348). Esta somatória de forças pode ampliar as dimensões de compreensão da consciência, da integração e da cura, assim como contribuir para a construção de uma ciência mais inclusiva, humanizada, abrangente, consistente, pragmática, flexível, plural e verdadeiramente revolucionária: “O pluriverso não se preocupa apenas com as formas humanas de pensar, mas também com as não-humanas, e essencialmente estabelece a base para a possibilidade de

combinar as diversas visões sobre as relações entre humanos e natureza” (Månsson, 2021, p. 23). Na medida em que o reducionismo, o racionalismo, o positivismo, o cientificismo, o eurocentrismo e todos os seus retrocessos conceituais são superados, as metodologias de pesquisa ganham em termos de flexibilidade às inovações e podem ser atualizadas, o que aumenta as suas oportunidades de conquistarem um padrão áureo. Pelos motivos acima descritos, a fim de que possam atingir o ponto culminante da excelência científica, a descolonização do conhecimento, ou seja, a revalorização da sabedoria primordial tem um caráter imprescindível às revoluções que se encaminham no paradigma das pesquisas psicodélicas.

Éticas da Resistência e Políticas da Liberdade nas Revoluções Psicodélicas

A colonialidade nos estudos psicodélicos torna-se evidente quando as práticas e saberes primordiais são marginalizados, desqualificados e depreciados pelas autoridades acadêmicas em favor de abordagens estritamente ocidentais. A unilateralidade do eurocentrismo implica no esquecimento de que: “Todos os seres humanos são os criadores de seu próprio mundo, porque simplesmente e unicamente dentro de si a terra, a vida colorida sobre ela, as estrelas e o céu se tornam realidade” (Hofmann, 2012, p. 81). A hegemonia cultural do ocidente inferioriza a importância das sabedorias, artes e ciências ameríndias, africanas, asiáticas e oceânicas para sobrevalorizar as suas formas ossificadas de pensar, criar e produzir conhecimento segundo à ordem da utilidade, mas não da pluralidade: “Diversidade, sustentabilidade e reciprocidade formam a base para conceber uma ideia inclusiva de justiça psicodélica, capaz de alterar o paradigma hegemônico que prevalece atualmente” (Romero, 2022, p. 126). Em oposição à colonização da ciência psicodélica, as éticas da resistência e as políticas da liberdade emergem com um sentimento crescente de que a insuficiência deste paradigma não pode atender de uma forma satisfatória à busca por respostas sobre os fenômenos da consciência, saúde mental e bem-estar sem incluir as ontologias plurais, epistemologias ancestrais, fundamentos éticos e princípios políticos das comunidades tradicionais dentro das suas estruturas angulares.

As éticas da resistência vêm à luz como uma resposta às opressões e à marginalização impostas aos povos tradicionais pela colonialidade. Elas estão fundamentadas na valorização da dignidade humana, na defesa das identidades culturais, no respeito pelas diferenças ontológicas, na luta pela igualdade de direitos e na busca por justiça social. As populações racializadas estão associadas ao uso milenar dos psicodélicos da natureza ou enteógenos; logo, delas deve ser a titularidade das prerrogativas que envolvem terapias assistidas com as suas medicinas: “Essas medicinas tiveram origem entre comunidades de cor e depois foram criminalizadas e negadas a essas mesmas comunidades” (Buchanan, 2020, p. 144). No

contexto dos estudos decoloniais da psicodelia, que sempre foi multicolorida e não apenas branca, os princípios acima elencados implicam em reivindicar o reconhecimento das intersecções de raça, gênero, classe, pertencimento, dentre outras, como de ordem primária na construção dos ensaios clínicos que visam não somente o progresso da ciência, mas também o benefício de todas as formas de vida. Sobretudo porque: “Ter pesquisadores predominantemente brancos, trabalhando com clientes predominantemente brancos, priva as comunidades de cor da cura radical que os psicodélicos prometem” (Buchanan, 2020, p. 144). Entrementes, os conceitos pertencentes à principiologia libertária, por exemplo, a pluralidade, a autonomia, a horizontalidade, a equidade e a independência, também se manifestam como contrapontos à hegemonia, dominação, elitismo, eugenia e autoritarismo do conhecimento ocidental sobre as descobertas psicodélicas, no sentido de promover a integração imprescindível dos saberes primordiais na estrutura das revoluções científicas, as quais podem na posteridade se dispor a florescer não exclusivamente para alguns, mas para toda humanidade e espécies companheiras.

A mentalidade colonial tem por sustentáculo uma imposição forçada de hierarquias, sejam estas culturais, raciais, sociais, econômicas e existenciais, onde as formas de pensar e maneiras de ser concebidas no ocidente são instituídas como universais, superiores e desenvolvidas, enquanto as demais são consideradas particulares, inferiores e subdesenvolvidas: “dessa forma, se cria uma vasta região do mundo em estado de natureza, um estado de natureza a que são condenados milhões de seres humanos sem quaisquer possibilidades de escaparem por via da criação de uma sociedade civil” (Santos, 2009, p. 28). Esta visão vertical de mundo, autoritária e supremacista, antagônica ao que se pode compreender por expansão da consciência, marginaliza as práticas de cura e os conhecimentos cosmológicos das comunidades tradicionais, da mesma forma que perpetua um sistema de extrativismo predatório e apropriação cultural para mover as engrenagens do capitalismo de mercado: “Todos esses assuntos têm raízes em ideias socialmente construídas de gênero e neurodivergência sob um sistema dominador de poder ideológico e estrutural, supremacista branco, patriarcal e capitalista” (Barnett, 2023, p. 57). As éticas da resistência, por sua vez, convergem na demolição da verticalidade e na promoção de uma ecologia de saberes, onde diferentes ontologias e epistemologias coexistem de maneiras ressonantes e mutuamente enriquecedoras, sem que sejam perpetuadas as violências colonialistas, quais sejam, a segregação racial, a exploração econômica, a erosão idiomática, a expropriação territorial, a invisibilidade identitária, a padronização comportamental e a desqualificação epistêmica: princípios éticos para um novo mundo a ser construído na perspectiva dos ensinamentos geracionais das tradições de sabedoria e orientado nos aprendizados compartilhados a partir das experiências enteogênicas/psicodélicas.

A medicina, a psiquiatria, a psicologia e as neurociências da atualidade têm demonstrado um interesse crescente nas substâncias psicoativas encontradas em plantas, fungos e animais que são sagrados no xamanismo tradicional, entidades detentoras de uma alma racional, irreduzíveis a categorias farmacológicas como antidepressivos, ansiolíticos, hipnóticos, estimulantes e assim por diante: “Apesar do grande número de estudos científicos sobre a ayahuasca e outras plantas medicinais psicodélicas, os sistemas de conhecimento locais acompanhantes são pouco estudados” (Fotiou, 2020, p. 18). Entretanto, para que esta integração venha a ser ética e decolonial, torna-se necessário ir além tanto da farmacologia quanto da fisiologia para mergulhar nos métodos ancestrais de cura física, mental, emocional e espiritual desenvolvidos pelas tradições de sabedoria, porém sem a pretensão comercial de conquistar a confiança para transformar as crenças, costumes e conhecimentos adquiridos em matéria de consumo das elites dominantes: “Com o influxo de investimentos de capital nesse campo, essas crenças espirituais têm se sinergizado com teorias elitistas de mudança e inovação, que posicionam o bem-estar das elites como inerentemente mais importante do que as necessidades materiais das massas” (Devenot, 2023, p. 23). A eficácia comprovada destas metodologias milenares pelos povos primordiais – como, por exemplo, os saberes etnofarmacobotânicos e práticas enteogênicas do povo Shanenawa – não deve ser menosprezada nos estudos acadêmicos, mas integrada a estes últimos: para que estes possam beneficiar não apenas alguns poucos privilegiados e sim à toda sociedade. A inserção das éticas da resistência no campo das pesquisas psicodélicas envolve várias dimensões, dentre as quais se destacam a manutenção do respeito, a promoção do reconhecimento, o compartilhamento de benefícios, a reciprocidade comunitária, a justiça social e a reparação cultural.

Reconhecer a validade epistemológica dos procedimentos terapêuticos do xamanismo tradicional significa constituir uma abordagem respeitosa dos contextos naturais e culturais que originaram a ciência psicodélica, além de evitar a folclorização, estandardização e apropriação dos saberes ancestrais pela mentalidade colonialista, este símbolo incontestado das lógicas capitalistas: “Essencialmente por isso, o pensamento pluriversal é necessário, pois o seu objetivo é contestar as noções capitalistas e (neo)coloniais de universalidade que permitem a redução dos muitos significados dos psicodélicos em um contexto capitalista” (Månsson, 2021, p. 45). O estabelecimento de alianças fundamentadas sobre a reciprocidade entre xamãs, curandeiros e acadêmicos, visa garantir que ambos sejam beneficiários dos resultados das pesquisas psicodélicas e das práticas terapêuticas a serem idealmente desenvolvidas nas aldeias, quilombos, zonas rurais, periferias, até mesmo nos centros urbanos, hospitais públicos ou clínicas particulares, o que inclui a partilha de méritos, apoio às iniciativas comunitárias e colaborações que fortaleçam a autonomia dos povos primordiais. Contudo, a presença da diversidade racial, de gênero e classe social nos ambientes universitários, nas publicações científicas, nos cursos de formação e nos

espaços de terapia assistida representa esmagadora minoria, quando não a mais completa nulidade, quer dizer, esta homogeneidade utilitária evidencia a perpetuação das estruturas de poder coloniais e excludentes: “o psiconauta útil reserva o uso legítimo de drogas psicodélicas para pessoas já no poder, o que representa então uma imagem dominante da prática como efetivamente branca, masculina e rica” (Dolgin, 2022, p. 46). Em outras palavras, a marginalização contínua de grupos historicamente oprimidos, a persistência de barreiras sistêmicas à participação equitativa, a invisibilidade das contribuições dos grupos não-hegemônicos, a unilateralidade dos corpos científicos, a falta de representatividade nas instituições, implicam na urgência de reestruturar os fundamentos éticos e políticos dos estudos psicodélicos. Na descolonização dos paradigmas da psicodelia, noticiar as alevisias históricas praticadas pela colonialidade repercute na articulação de ações diretas que promovem a justiça social e a reparação cultural, assim como converge na defesa de políticas que protegem os direitos das comunidades tradicionais e na oposição às leis proibicionistas, responsáveis pela criminalização, perseguição e repressão de práticas sacramentais com milhares de anos.

A implementação das éticas da resistência no paradigma das pesquisas psicodélicas não está livre de disparidades. A academia ocidental e as indústrias farmacêuticas com muita frequência atuam embasadas em critérios que se opõem à recepção de conhecimentos dissonantes das abordagens positivistas e do capitalismo mercadológico: “No entanto, esta não tem sido a percepção dos povos indígenas e mestiços latino-americanos, para os quais o lugar das plantas de poder tem sido radicalmente diferente” (Böschemeier; Flores, 2018, p. 59). Além disso, sem a principiologia ética que rege a luta anticapitalista em alinhamento com os estudos psicodélicos, as superpostas aproximações podem expor os xamãs e curandeiros de todos os povos ao tokenismo, isto é, uma inclusão social meramente simbólica, que consiste em fazer concessões superficiais a grupos contra-hegemônicos para fins de apagar sua identidade cultural, transformá-la em um ícone comercial e perpetuar a colonialidade: “pode-se argumentar que a indigenidade está sendo fetichizada e exotizada como algo a ser adquirido (através da apropriação) e examinado (através da mercantilização) por não nativos, contribuindo para a conhecida e histórica exploração dos povos indígenas pelo Norte global” (Månsson, 2021, p. 41). Para obliterar estas problemáticas e propiciar uma mudança radical de paradigma na esfera da comunidade científica interessada pela enteogenia/psicodelia, antes de tudo torna-se imprescindível constituir um compromisso ético de ordem permanente com a educação antirracista, mobilização social, alteridade interespecífica, letramento etnofarmacobotânico, colaboração multicultural e agenciamentos inclusivos, em suma, com todas as ideias e movimentos que sejam politicamente combativos diante das práticas colonialistas.

O desenvolvimento de atividades colaborativas que sejam de fato equitativas e respeitadas, onde as comunidades tradicionais são cocriadoras e parceiras de pleno direito na produção dos conhecimentos

científicos, tem como resultado o mútuo benefício das partes envolvidas. Se assim não for: “os estudos de etnobotânicos podem alimentar empreendimentos de bioprospecção – uma forma de colonialismo extrativo – pelos quais o 'conhecimento indígena' pode ser transformado em capital farmacêutico ocidental e propriedade intelectual” (Sheldrake, 2020, p. 348). A difusão do letramento etnofarmacobotânico através de pessoas que nasceram e viveram no contexto comunitário do xamanismo tradicional aumenta as chances de engajamento da sociedade dentro das lutas antiproibicionistas, do mesmo modo que lança luz sobre a importância do reconhecimento dos saberes primordiais entre os pesquisadores, profissionais da saúde e o público leigo, na maior parte das vezes instruídos por figuras descaracterizadas: “A história dos psicodélicos continua a lidar com legados de estudiosos em sua maioria brancos e do sexo masculino, domiciliados no Ocidente, que viajaram a locais distantes para explicar as formas de vida nativas ou "tradicionais"” (Hauskeller; Artinian; Fiske et al, 2023, p. 734). Dar suporte aos agenciamentos inclusivos que protegem os direitos naturais e políticos dos povos primordiais reativa as pautas da descriminalização, regulamentação e constitucionalidade das práticas terapêuticas, sagradas e criativas que envolvem o manejo milenar de substâncias enteogênicas. Dessa maneira, insuflar as éticas da resistência no paradigma dos estudos psicodélicos tem por consequência a descolonização do método científico e do imaginário coletivo, uma ruptura da qual podem florescer a pluralidade ontológica, a diversidade epistêmica, a justiça social e a dignidade humana.

As estruturas persistentes que ultrapassam os fins formais do colonialismo influenciam de uma maneira devastadora as dinâmicas de poder, saber e subjetividade contemporâneas. No contexto dos estudos psicodélicos, este conjunto de ideias e práticas opressivas se manifestam através do desmerecimento das ontologias, epistemologias e valores não-ocidentais na constituição das metodologias científicas: “Dessa maneira, de ser vida que brota, se transforma e flui, a natureza se transforma em uma entidade morta, dependente de mãos especializadas, cujo controle garante a sua própria possibilidade de existência” (Böschmeier; Flores, 2018, p. 53). Em acréscimo, a omissão diante do extrativismo aniquilador, do terrorismo ambiental, da espoliação dos territórios vitais e da perseguição às lideranças ancestrais reflete a convivência de um certo grupo privilegiado com as atrocidades colonialistas. Expresso de outra maneira: “Existem profundas divisões entre os defensores dos psicodélicos, entre aqueles que se inclinam para a aceitação *mainstream* e a provisão médica, e aqueles que preferem o acesso descentralizado e não corporativo às substâncias” (Noorani, 2021, p. 4). Além disso, a colonialidade se perpetua por meio da imposição de políticas coercitivas que criminalizam o uso tradicional de plantas enteogênicas, isto é, através da aprovação inconstitucional de leis proibicionistas que restringem a legalidade do seu porte, transporte, cultivo e repasse aos regulamentos predatórios da

indústria farmacêutica, em uma nítida violação dos direitos constitucionais à liberdade, autodeterminação e personalidade dos povos primordiais.

As políticas da liberdade, em contraste com os mecanismos da sociedade de controle, estão fundamentadas na autonomia, dignidade e capacidade das comunidades tradicionais de definirem os termos das suas próprias práticas e modos de vida, uma vez que a apropriação ecológica e cultural das suas medicinas “nos distancia de uma sociedade mais justa e intercultural, ao reforçar um modelo de dominação e subordinação histórica que pretende suplantar os indígenas inclusive nos aspectos mais íntimos e pessoais da sua existência” (Arregi, 2011, p. 13). Na dimensão decolonial das pesquisas psicodélicas, os ativismos libertários demandam uma reavaliação das leis e regulamentações que historicamente criminalizaram o uso de substâncias transformadoras da consciência, ou em termos mais radicais, reivindicam a derrocada definitiva das proibições que favorecem o racismo, elitismo, fundamentalismo e totalitarismo da cultura dominante: “Desafortunadamente, a 'guerra contra as drogas' coincidiu com políticas de punição que também afetaram de um modo desproporcional algumas regiões e comunidades mais do que outras” (Romero, 2022, p. 115). A imposição de normatizações que privilegiam a racionalidade ocidental para desvalorizar as tradições de sabedoria se reflete muitas vezes na política de drogas, como no caso da maconha no Brasil: recentemente regulamentada para fins medicinais, mas criminalizada para uso ritual, filosófico, criativo e social. A intenção que se esconde nas entrelinhas da proibição em nada tem a ver com o resguardo da saúde coletiva, mas tem origens em discursos eugenistas, racistas, elitistas, fundamentalistas e neoliberais, quer dizer, sobre o esteio de ideologias que visam a repressão e encarceramento em massa das populações marginalizadas.

Com o propósito de defender a autodeterminação e o reconhecimento dos direitos culturais das tradições de sabedoria, as políticas da liberdade desafiam o monopólio coercitivo do ordenamento estatal para constituírem um paradigma pautado na equidade e na justiça social: “Certas teorias, como a permacultura, têm sido desenvolvidas para lidar com essa situação aumentando as possibilidades. Vilas, comunas, comunidades, incluindo aí “arcológicas” e biosferas (ou outros modelos de cidade-utopia), estão sendo experimentadas e implementadas” (Bey, 2010, p. 142-143). A ciência psicodélica, que tem evidenciado os benefícios terapêuticos e transformadores de enteógenos e substâncias com ayahuasca e DMT, cogumelos e psilocibina, peiote e mescalina, iboga e ibogaína, dentre outras, está diante de uma conjuntura revolucionária para promover mudanças expressivas na política de drogas brasileira e mundial: “No entanto, é vital considerar que o "renascimento psicodélico" está ocorrendo dentro de um sistema patriarcal, racista e capitalista de exploração, à medida que o entusiasmo psicodélico continua a crescer” (Barnett, 2023, p. 1). Desta feita, para que estas transformações sejam abrangentemente inclusivas, equitativas e justas, não basta somente regulamentar o uso terapêutico em clínicas particulares e hospitais

de alto padrão. A revolução da psicodelia, nas suas radicalidades libertárias, só tem como se consolidar em definitivo quando as terapias enteogênicas alcançarem as redes públicas de saúde e no momento que as formas alternativas de apreciação dos psicodélicos, como aquelas filosóficas, criativas, sacramentais e sociais estiverem igualmente asseguradas no mundo inteiro.

A defesa da descriminalização isonômica e regulamentação justa do emprego de substâncias enteogênicas, desde que respeite as prerrogativas dos povos primordiais e assegure a preservação dos costumes populares, vem a ser indispensável para fazer da psicodelia não apenas uma vanguarda intelectual, mas um movimento de transformação social que não se deixa dominar pelos discursos colonialistas de certos conselhos éticos, onde não existem, ou quase não existem representantes das tradições de sabedoria para legitimar a revolução psicodélica: “Os ativistas indígenas trabalham para desfazer esta narrativa e não apenas para expor a distorção e exploração fraudulenta das tradições, mas também para instruir os buscadores sobre as diferenças entre as culturas tradicionais e algumas ofertas espirituais modernas” (Arregi, 2011, p. 9). O ativismo libertário, no campo dos psicodélicos, enfatiza a importância da participação das comunidades tradicionais prejudicadas pelas leis proibicionistas tanto na formulação quanto na implementação da política de drogas, o que implica em incluir as suas vozes e conhecimentos em todas as etapas da batalha necessária à criação das novas normas regulatórias: “A 'guerra contra as drogas' e as políticas de proibição a ela associadas têm minado a liberdade de pensamento por várias décadas, não apenas a 'liberdade individual', mas também a liberdade cognitiva das comunidades e instituições de pesquisa em todo o mundo” (Romero, 2022, p. 115). A colonialidade impôs danos irreversíveis às culturas ameríndias, africanas, asiáticas e oceânicas através da criminalização das suas práticas comunitárias. Por essa razão, as políticas da liberdade requerem medidas de justiça restaurativa que compensem da melhor forma possível o referido prejuízo cultural. Nesse sentido, iniciativas que favoreçam a revitalização das tradições de sabedoria, protejam o seu território vital e memória ancestral, defendam os seus direitos naturais e políticos têm um caráter imprescindível na revolução do paradigma psicodélico.

O movimento de ruptura com os ordenamentos de controle para o fomento das políticas da liberdade no desenvolvimento dos estudos psicodélicos encontra certos impedimentos, como, por exemplo, a ilusão em massa de que a ciência moderna detém o total controle da natureza e o domínio absoluto da realidade: “A realidade é um processo dinâmico; ela é constantemente criada de novo a cada momento. A realidade atual está, conseqüentemente, apenas no aqui e agora, no momento” (Hofmann, 2012, p. 81). Entre os muitos obstáculos encontrados no caminho da revolução psicodélica estão o autoritarismo das estruturas de poder estabelecidas, os interesses econômicos e predatórios das indústrias farmacêuticas, assim como a persistência dos preconceitos de raça, gênero e classe que constituem a

mentalidade colonizada: “A guerra às drogas pode ser vista como uma forma de governança biopolítica que abrange a gestão dos pensamentos, sentimentos, percepções e capacidades afetivas humanas por meio do gerenciamento farmacológico da consciência” (Falcon, 2021, p. 152). Romper em definitivo com o paradigma estabelecido requer a defesa contínua da descolonização e a participação efetiva nas lutas populares por justiça social. Por conseguinte, a formação de alianças estratégicas entre pesquisadores, ativistas, povos tradicionais e organizações internacionais pela defesa dos direitos humanos tem importância fundamental tanto na reformulação estrutural das leis de drogas quanto no avanço das pesquisas psicodélicas. Através de programas educativos, campanhas de sensibilização e diálogos interculturais, a conscientização sobre as raízes coloniais do proibicionismo fortalece o ativismo libertário que acompanha as revoluções da psicodelia.

No estado de polvorosa que antecede as iminentes descobertas científicas nos campos da consciência, saúde mental e bem-estar, as éticas da resistência e as políticas da liberdade podem ser compreendidas como as fagulhas que desencadeiam a explosividade da revolução psicodélica: “A História, de modo geral, e a história das revoluções, em particular, é sempre de conteúdo mais rico, mais variada, mais multiforme, mais viva e sutil do que o melhor historiador e o melhor metodologista poderiam imaginar” (Feyerabend, 2007, p. 19). Estes princípios éticos e políticos, lastreados na dignidade humana, na defesa da pluralidade e na luta pela justiça social, impulsionam um movimento de descolonização que desafia as estruturas repressivas impostas pela hegemonia tanto ontológica quanto epistêmica sobre os estudos contemporâneos dos psicodélicos: “Um meio complexo, onde há elementos surpreendentes e imprevistos, reclama procedimentos complexos e desafia uma análise apoiada em regras que foram estabelecidas de antemão e sem levar em conta as sempre cambiantes condições da História” (Feyerabend, 2007, p. 20). Em simultaneidade, as reflexões e ações críticas da colonialidade se realizam pela descriminalização e regulamentação isonômica das substâncias enteogênicas, pela participação das comunidades prejudicadas na reformulação das leis de drogas, assim como pela implementação de medidas restaurativas e reparadoras dos malefícios da proibição: a fim de provocarem uma crise generalizada nos paradigmas coloniais e tornar inevitável a reavaliação das metodologias de pesquisa, a desconstrução das narrativas hegemônicas e a reintegração das tradições de sabedoria no protagonismo dos movimentos revolucionários que corroboram a psicodelia.

Considerações Finais: Notas em Mérito à Descolonização da Ciência Psicodélica

AWEA YUI MÊ: MU UN TI TIA YÂMÂYTI.
 AWETIA YÂMÂYTIMÊ: NÃ IPAYTIÃ.
 KUÍS, KUÍS, KUÍÍÍS!
 KUÍS, KUÍS, KUÍS KUTANAAAA!

AAA! AAA! AAA! AAA!
 AAA! AAA! AAA! AAA!
 TAU PEY, TAU PEY KANASAAAA!
 TAU PEY, TAU PEY KANASAAAA!
 AWÊ SHE AWÊ SHEA AWÊ SHEA MIXTINÍ.
 AWÊ SHE AWÊ SHEA AWÊ SHEA MIXTINÍ.
 ãWÊ RUA, ãWÊ RUA TEKARINã WÊÊÊ!
 ãWÊ RUA, ãWÊ RUA TEKARINã WÊÊÊ!
 TAU PEY, TAU PEY KANASAAAA!
 TAU PEY, TAU PEY KANASAAAA!⁴

Conforme evidenciamos nas linhas precedentes, a descolonização da ciência psicodélica vem à luz do mundo como uma necessidade premente, ao mesmo tempo que se desvela enquanto campo fértil para a convergência entre as epistemologias ancestrais, as ontologias plurais e a ciência moderna: para longe do autoritarismo e das ideias unilaterais que acompanham a colonização (Mckenna, 1993; Kuhn, 2005; Castro, 2010). As dinâmicas da colonialidade, que perpetuam a marginalização dos saberes tradicionais, vêm a ser desafiadas em todas as frentes tanto pelas éticas da resistência quanto pelas políticas da liberdade: e os que dizem não saber como ajudar as tradições, nesta iminente revolução consciencial, jamais ouviram quem precisa de ajuda para continuar vivo (Feyerabend, 2007; Romero, 2022; Petrement, 2023). As filosofias da ancestralidade, alinhadas ao pensamento decolonial, apresentam um quadro teórico-prático suficientemente consistente para dismantelar as hierarquias do conhecimento impostas pelo ocidente ao método científico e dar adeus à racionalidade colonizada, assim como para defender uma reintegração equitativa das práticas terapêuticas dos povos primordiais nos estudos psicodélicos do mundo contemporâneo.

As ontologias plurais, que reconhecem a importância dos múltiplos modos de ser e saber, têm um caráter indispensável ao movimento de descolonização da ciência psicodélica. Elas confrontam a ontologia monolítica do colonialismo, assim como favorecem uma ecologia de saberes que implica em um reflorestamento enteogênico a nível planetário, onde as mais diversas perspectivas ontológicas e concepções epistemológicas tanto coexistem quanto dialogam, sem hierarquias ou dominação nos seus espaços de liberdade (Huxley, 1990; Mignolo, 2000; Eliade, 2002; La Salvia, 2013). Inserir a pluralidade ontológica nos estudos psicodélicos significa reconhecer a validade e o valor das cosmologias ameríndias,

⁴ *Tau Pey Kanasa*, canção tradicional que versa a respeito da história de criação do povo Shanenawa, bem como expressa gratidão pela presença no tempo presente. O canto pode ser feito no final de algum trabalho ou festividade para honrar a memória dos antepassados e nos convida a entrar na dança de celebração da vida. Uma tradução aproximada seria esta: “Chamamos para seguir: em direção à alegria./O espírito da alegria: nos guia./Venha, venha, venha!/Venha, venha, venha, luz da natureza!/Aaa! Aaa! Aaa! Aaa!/Aaa! Aaa! Aaa! Aaa!/Do ventre da Mãe Terra veio a força ancestral/Do ventre da Mãe Terra veio a força ancestral/Nós aqui estamos para unidos celebrar/Nós aqui estamos para unidos celebrar/Os seres da floresta estão aqui para ensinar/Os seres da floresta estão aqui para ensinar/Nós vamos, nós vamos triunfar!/Nós vamos, nós vamos triunfar!”. Com havíamos falado no princípio, o significado dos cantos sagrados pertence ao contexto no qual são cantados, quer dizer, em um festejo popular ou cerimônia sacramental, o mesmo canto tem sentidos diferentes. Além disso, na cosmovisão do povo Shanenawa, tudo tem o seu momento apropriado: assim sendo, as suas rezas devem ser feitas com propósito, nunca à toa, e sob a orientação dos pajés e majés da comunidade.

africanas, asiáticas e oceânicas, que com uma elevada frequência compreendem as plantas e fungos enteogênicos não apenas como ferramentas terapêuticas, de cura e autoconhecimento, mas também enquanto seres dotados de corpo, personalidade, movência e inteligência, ou seja, entidades detentoras de direitos a cumprirem papéis indispensáveis nas redes de relações ambientais e sociais dos povos primordiais.

As epistemologias ancestrais, majestosamente enraizadas em experiências do mundo da vida, nas práticas sacramentais e muitas vezes nos saberes transmitidos pela oralidade, possibilitam uma compreensão holística da consciência, saúde mental e bem-estar que complementa, locupleta e favorece a ciência psicodélica. Elas suscitam a crise dos paradigmas colonialistas estabelecidos nos discursos hegemônicos da medicina, psiquiatria, da psicologia e das neurociências, para que sejam removidas todas as suas anomalias e possa ocorrer sem impedimentos uma revolução epistemológica, capaz de transformar as estruturas da sociedade (Hofmann, 2012; Splettstösser, 2014; Santos, 2020; Noorani, 2021). Uma reflexão decolonial sobre as tradições de sabedoria evidencia que estas últimas não apenas podem corroborar as teorias acadêmicas, como também desafiar a academia a reconsiderar os seus enunciados, premissas e métodos. A valorização dos conjuntos epistêmicos da ancestralidade implica, assim, no reconhecimento dos diversos modos de ser e saber que aproximam a metafísica, a comunidade e a natureza, ou seja, na apreciação de formas ontológicas e epistemológicas que possibilitam uma mais ampla perspectiva da conexão entre a autoconsciência e a supraconsciência.

As éticas da resistência, na medida que valorizam a dignidade humana e a diversidade cultural, demandam uma abordagem que não somente respeite, mas incorpore as ontologias plurais e as epistemologias ancestrais no paradigma da ciência psicodélica. Elas acenam para a importância de constituir um método científico respaldado pela honestidade intelectual, de uma metodologia por meio da qual possam florescer verdadeiramente as mais diversas perspectivas de compreensão e reciprocidade na construção do conhecimento psicodélico (Arregi, 2011; Nagel, 2018; Buchanan, 2020; Barnett, 2023). Por conseguinte, uma vez que sem haver preservação da natureza e proteção das comunidades tradicionais não pode haver enteogenia/psicodelia, a principiologia supramencionada sugere o engajamento nas causas ecológicas e políticas como imprescindível à validação de todos os trabalhos que perpassam o horizonte destes distintos conhecimentos. Mais ainda, os referidos princípios éticos pretendem promover a igualdade racial, a equidade de gênero e a consciência de classe nos grupos de pesquisadores, cujas publicações de elevada repercussão devem contar, em todas as fases, com a participação direta dos povos primordiais.

As políticas da liberdade, que visam a defesa da descriminalização dos enteógenos, a regulamentação justa que proteja sem exceção as práticas xamânicas e a participação ativa das

comunidades tradicionais na formulação das leis de drogas, se apresentam para garantir que as suas vozes sejam inteiramente consideradas. O ativismo psicodélico se alinha com as éticas da resistência pela manutenção do respeito à autonomia dos povos primordiais, assim como também pela reparação dos danos históricos e culturais infligidos pelo colonialismo (Bey, 2012; Fotiou, 2020; Falcon, 2021; Payayá, 2023). No atual cenário dos estudos psicodélicos, estas ideias e movimentos libertários convergem para propor um paradigma científico que seja ao mesmo tempo equitativo e inclusivo. Esta descolonização da ciência psicodélica contradiz as narrativas hegemônicas para que possa promover uma ecologia de conhecimentos, onde sejam reconhecidas a pluralidade ontológica e a ancestralidade epistêmica, bem como valorizadas as contribuições das culturas ameríndias, africanas, asiáticas e oceânicas no desenvolvimento do entendimento humano.

Compreendemos o assim chamado renascimento psicodélico como uma ideia contraintuitiva, pois a psicodelia no sentido original de manifestação da alma jamais morreu para renascer; muito pelo contrário, ela sempre permaneceu viva nos corações dos xamãs e psiconautas, daqueles e daquelas que fizeram dela um autêntico estilo de vida em todos os tempos: uma maneira de ser própria da resistência e da liberdade, independentemente dos ordenamentos proibicionistas e do autoritarismo acadêmico (Harner, 1989; Mckenna, 1993; Goffman; Joy, 2007; Freitas, 2023a). Nos movimentos contraculturais, nos festivais de música eletrônica, nas exposições de arte visionária, no ideário dos pensadores da transgressão, falar de uma renascença psicodélica não condiz com o percurso da história, uma vez que nas margens da sociedade, nas zonas autônomas da luta anticapitalista, nos jardins subterrâneos onde florescem a justiça social e a igualdade de direitos, as portas da percepção nunca foram fechadas (Escohotado, 1998; Home, 1999; Bey, 2012; Freitas, 2023b). Para nós, entusiastas do xamanismo tradicional, habilidades como compreender aquilo que está escrito nas folhas das árvores, plantas e ervas divinas; interpretar o sentido do som das cachoeiras, dos rios e das ondas do mar sagrado; decifrar a mensagem trazida no canto dos pássaros, no zumbido dos insetos e no uivo das feras companheiras; saber o que dizem os raios, trovões e relâmpagos da tempestade tropical: estes conhecimentos estão no livro da natureza, em uma obra cujas páginas são os momentos da nossa existência, e que só pode ser acessada com profundidade através da expansão consciencial.

A filosofia psicodélica, no seu contínuo movimento de descolonização, ao reconhecer que muitas vezes a ciência ocidental marginalizou e desprezou as tradições de sabedoria, busca estabelecer vínculos de apreciação e de respeito pelo xamanismo tradicional. Os povos primordiais evidenciam em todas as suas cosmovisões uma profunda ressonância com a natureza, uma relação de reverência que os pensadores da psicodelia assimilam às suas próprias visões de mundo (Mckenna, 1993; Eliade, 2002; Fotiou, 2020; Romero, 2022). Os filósofos psicodélicos, assim como os xamãs tradicionais, sempre

compartilharam um interesse especial pelos estados ampliados de percepção, uma premissa que faz de ambos buscadores da verdade e do mistério (Huxley, 1990; Hofmann, 2012; Falcon, 2021; Freitas, 2023b). As práticas xamânicas com frequência envolvem métodos de indução extática que favorecem não apenas a conexão com as forças cósmicas, mas também a desenvoltura de um pensamento holístico, crítico e autêntico capaz de inspirar as mais libertárias revoluções. Em resumo, os saberes xamânicos oferecem à tradição filosófica uma base rica de perspectivas sobre as realidades mais formidáveis do universo: conhecimentos que além de não poderem ser perdidos, ou seja, que merecerem estar a salvo da destruição, também podem servir de fundamentação para os trabalhos e pesquisas de um futuro promissor.

Ao diligenciarem a inclusão sem tokenismo, a integração sem apropriação cultural, a justiça social com isonomia e a reparação com materialidade aos povos primordiais, as filosofias da ancestralidade ladrilham as veredas para uma nova era dos estudos psicodélicos (Calzada, 2020; Sheldrake, 2020; Dolgin, 2022). Este compromisso com as lutas decoloniais não apenas favorece o progresso científico, assim como contribui para a construção de um mundo mais justo e equitativo, onde todas as vozes silenciadas sejam ouvidas e os saberes subnotificados passem a ser apreciados, sem esquecer de que a verdade do coração dos nossos antepassados e dos nossos corações não pode ser manipulada como um comprimido nem vendida nas farmácias (Harner, 1989; Raphael, 2022; Devenot, 2023). Em poucas e boas palavras, a descolonização da ciência psicodélica não somente consiste na remoção das anomalias ontológicas, epistemológicas, éticas e políticas que obstruem os caminhos do conhecimento: mas pode ser compreendida na perspectiva de uma revolução paradigmática que promete transformar o campo das pesquisas médicas, psiquiátricas, psicológicas, neurocientíficas e, por expansão, a própria sociedade.

Referências

- ARREGI, Joseba. Plastic Shamans: Intellectual Colonialism and Intellectual Appropriation in New Age Movements. *The International Journal of Ecopsychology*, v. 2, n. 1, p. 1-14. 2011. Disponível em: <https://digitalcommons.humboldt.edu/ije/vol2/iss1/10>
- BARNETT, Cassidy. Psychedelic Futures: a Psychedelic Feminist Autoethnography of Western Psychedelic Therapy. Master's Thesis. 91 p. Florida Atlantic University. Boca Raton: Faculty the Dorothy F. Schmidt College of Arts and Letters, 2023.
- BEY, Hakim. *Zonas Autônomas*. Tradução do Coletivo Protopia. Editora Deriva: Porto Alegre, 2010.

- BÖSCHEMEIER, Ana Gretel Echazú; FLORES, Maria Eugenia. Derechos de las Plantas en Contexto: dos Ontologías Latinoamericanas. *Cultura y Droga*, v. 23, n. 26, p. 49-66. 2018. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/83063>
- BUCHANAN, Nicole. Ensuring the Psychedelic Renaissance and Radical Healing reach the Black Community: Commentary on Culture and Psychedelic Psychotherapy. *Journal of Psychedelic Studies*, v. 4, n. 3, p. 142-145. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1556/2054.2020.00145>
- CALZADA, Omar. *Ensayos Alternativos de Consciencia: Perspectivas Multidisciplinarias sobre Plantas Sagradas e Psicoativos*. Ciudad de México: Lunaria Ediciones, 2020.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Metafísicas Canibales: Líneas de Antropología Postestructural*. Traducido por Estella Mastrangelo. Madrid: Katz Editores, 2010.
- DEVENOT, Nese. TESCREAL Hallucinations: Psychedelic and AI Hype as Inequality Engines. *Journal of Psychedelic Studies*, v. 7, n. 1, p. 22-39. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1556/2054.2023.00292>
- DOLGIN, Chloe. Turn on, Tune in, don't Drop out: the Mainstreaming of Psychedelic Drugs. Master's Thesis. 98 p. Concordia University. Montreal: Department of Communication Studies, 2022.
- ELIADE, Mircea. *O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ESCOHOTADO, Antonio. *Historia General de las Drogas*. Madrid: Alianza Editorial, 1998.
- FALCON, Joshua. Situating Psychedelics and the War on Drugs within the Decolonization of Consciousness. *ACME*, v. 20, n. 2, p. 151-170. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.14288/acme.v20i2.1947>
- FEYERABEND, Paul. *Contra o Método*. Tradução de Cezar A. Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- FORTE, Robert. *Entheogens and the Future of Religion*. Rochester/Vermont: Park Street Press, 2012.
- FOTIOU, Evgenia. The Role of Indigenous Knowledge in Psychedelic Science. *Journal of Psychedelic Studies*, v. 4, n. 1, p. 16-23. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1556/2054.2019.031>
- FREITAS, Jan Clefferson Costa de. Entheogenic Creativity: Shamanism and Entheogens in the Visionary Art of Alex Grey. *Revista Kalagatos*, v. 20, n. 1, p. 1-20, 2023a. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/10132>
- FREITAS, Jan Clefferson Costa de. Filoteologias da Natureza: o Uso Ritual dos Enteógenos no Xamanismo e nas Religiões Contemporâneas. In: SILVEIRA, Resiane Paula da (Org.). *Questões Contemporâneas em Religião: Volume 2*. Formiga: Editora Real Conhecer, 2024. Disponível em: 10.5281/zenodo.11149442
- FREITAS, Jan Clefferson Costa de. Platonismo e Psicodelia: às Origens Psicodélicas da Metafísica Platônica. *Revista Anthesis*, v. 6, n. 11, p. 1-17, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/anthesis/article/view/1566>

- FREITAS, Jan Clefferson Costa de. Que é Isto – a Filopsicodelia?: o Reflorescimento da Filosofia Psicodélica. *Revista Princípios*, v. 30, n. 62, p. 159-200, 2023b. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/1983-2109.2023v30n62ID31841>
- FREITAS, Jan Clefferson Costa de. *Transfigurações Psicodélicas: as Metamorfoses da Arte em Friedrich Nietzsche e Alex Grey*. São Paulo: Editora Dialética, 2023c.
- GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. *Counterculture through the Ages: from Abraham to Acid House*. New York: Village Books, 2007.
- HARNER, Michael. *The Way of Shaman: a Guide to Power and Healing*. New York: Bantam Books, 1989.
- HAUSKELLER, Christine; ARTINIAN, Taline; FISKE, Amelia; MARIN, Ernesto Schwarz; ROMERO, Osiris Sinuhé González; LUNA, Luis Eduardo; CRICKMORE, Joseph; SJÖSTEDT-HUGHES, Peter. Decolonization is a Metaphor towards a Different Ethic: the Case from Psychedelic Studies. *Interdisciplinary Sciences Review*, v. 48, n. 5, p. 732-751. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/03080188.2022.212278>
- HOFMANN, Albert. Natural Science and Mystical Worldview. In: FORTE, Robert. *Entheogens and the Future of Religion*. Rochester/Vermont: Park Street Press, 2012.
- HOME, Stewart. *Assalto à Cultura: Utopia, Subversão, Guerrilha na (Anti)Arte do Século XX*. Tradução de Cris Siqueira. São Paulo: Conrad Editora, 1999.
- HUXLEY, Aldous Leonard. *The Doors of Perception and Heaven and Hell*. New York: Perennial Library, 1990.
- KUHN, Thomas. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Tradução de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LA SALVIA, André Luís. As ‘Imagens do Pensamento’ para Gilles Deleuze. *Revista Kalagatos*, v. 10, n. 19, p. 35-52, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.23845/kalagatos.v10i19.6049>
- LEITE, Marcelo. *Psiconautas: Viagens com a Ciência Psicodélica Brasileira*. Prefácio de Sidarta Ribeiro. São Paulo: Fósforo, 2021.
- MÅNSSON, Ellen Julia Amanda. Magic, Money, and Mu(Shrooms): on the Psychedelic Industry, Environmental Crisis, and Indigenous Territories. Master’s Thesis. 62 p. Lund University. Lund: Faculty of Social Sciences, Department of Human Geography, 2021.
- MCKENNA, Terence Jon. *Food of the Gods*. New York: Random House Publishing Group, 1993.
- MIGNOLO, Walter. *Local Histories/Global Designs: Coloniality, Subaltern Knowledge, and Border Thinkings*. New Jersey: Princeton University Press, 2000.
- NAGEL, Mechthild. Ubuntu, Gender, and Spirituality: Transformative Justice Considerations. *Revista Kalagatos*, v. 15, n. 2, p. 56-70, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.23845/kggt.v15i2.718>

- NOORANI, Tehseen. Digital Psychedelia: Hidden Experience and Challenge of Paranoia. *Somatosphere*, v. 8, p. 1-10. 2021.
- PAYAYÁ, Jamile da Silva Lima. Yby: Sentido Radical de Casa. *Revista Kalagatos*, v. 20, n. 2, p. 1-13, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/10837>
- PETREMENT, Mateo Sanchez. Historicizing Psychedelics: Counterculture, Renaissance, and the Neoliberal Matrix. *Frontiers in Sociology*, v. 8, p. 13. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fsoc.2023.1114523>
- POLLAN, Michael. *How to Change your Mind: what the New Science of Psychedelics teaches us about Consciousness, Dying, Addiction, Depression, and Transcendence*. London: Penguin Books, 2018.
- PROSPÉRI, Germán Osvaldo. *Metanfetafísica: Ensayo de Sobredosis Ontologica*. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2023.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Ed.). *La Colonialidad del Saber: Eurocentrismo y Ciencias Sociales*. Caracas: FACES/UNESCO, 2020.
- RAPHAEL, Juliet. Decoloniality in the Psychedelic Therapy Space. *BJPsych Open*, v. 8, n. 1, p. 569-569. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1192/bjo.2022.237>
- RUCK, Carl Anton Paul. Poetas, Filósofos, Sacerdotes: los Enteógenos en la Formación de la Tradición Clásica. In: WASSON, Robert Gordon; KRAMRISCH, Stella; OTT, Jonathan (Et al.). *La Búsqueda de Perséfone: los Enteógenos e los Orígenes de la Religión*. Trad. Omar Álvarez. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.) *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das Linhas Globais a uma Ecologia de Saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.) *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- SHELDRAKE, Merlin. The Enigma of Richard Schultes, Amazonian Hallucinogenic Plants, and the Limits of Ethnobotany. *Social Studies in Sciences*, v. 50, n. 3, p. 345-376. 2020. Disponible in: <https://doi.org/10.1177/0306312720920362>
- SILVEIRA, Resiane Paula da (Org.). *Questões Contemporâneas em Religião: Volume 2*. Formiga: Editora Real Conhecer, 2024.
- SPLETTSTÖSSER, Aline Isaia. O Papel das Crenças Coletivas no Contexto da Epistemologia Social. *Revista Kalagatos*, v. 11, n. 21, p. 55-73, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.23845/kalagatos.v11i22.6120>

WASSON, Robert Gordon; KRAMRISCH, Stella; OTT, Jonathan (Et al.). *La Búsqueda de Perséfone: los Enteógenos e los Orígenes de la Religión*. Trad. Omar Álvarez. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

YUGLER, Simon. *Lost Rites: Decolonizing Masculinity Through Psychedelic Initiation, Liminality, and Integration*. 58 p. Master's Thesis. Pacifica Graduate Institute: Santa Bárbara, Counseling Psychology, 2020.



FREITAS, Jan Clefferson Costa de; SHANENAWA, Markone Brandão da Silva; MAIA, Nathalia Cristina Medeiros. *Enteogenia e Psicodelia: as Filosofias da Ancestralidade nas Revoluções Científicas*. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.2, 2024, eK24041, p. 01-28.

Recebido: 05/2024

Aprovado: 05/2024